



DOSSIÊ

Historiografia da linguística

organizado por

Cristina Altman

Ronaldo de Oliveira Batista

APRESENTAÇÃO

■ **A** montagem de um mais um dossiê dedicado à reflexão histórica sobre o conhecimento que produzimos sobre a linguagem e as línguas em um periódico brasileiro de Letras parece confirmar o estabelecimento da disciplina Historiografia Linguística em nosso meio acadêmico.

Com efeito, até há pouco tempo, a impressão do pesquisador que se propusesse a revisitar os modos pelos quais a comunidade brasileira de linguistas percebeu e registrou o trabalho das gerações que a antecederam é a de que não haveria como resgatar esta memória. O inevitável rompimento da nossa primeira geração de linguistas, na década de 1960, com as tradições de pesquisa filológica, dialetológica, e gramatical, aliado a uma concepção cumulativa de progresso científico e a um certo modelo de história, percebida como desvinculada das práticas científicas do presente, descontinuou, em nós, nosso passado, como se a ciência só começasse, quando acabasse sua história.

Nada mais distante do que se observa hoje. O volume de trabalhos apresentados em congressos, de dissertações, teses, artigos, e livros recentemente publicados no Brasil, que revisitam criticamente as várias tradições de pesquisa linguísticas, brasileiras ou não, atestam que não só fizemos as pazes com nosso passado, como também somos capazes de dialogar criativamente com os mundos intelectuais que nos antecederam. Sinal de amadurecimento, sem dúvida.

Nada mais oportuno, pois, que aceder ao gentil convite a mim dirigido pelo ex-aluno (Ronaldo de Oliveira Batista, Editor Executivo de *Todas as Letras*), hoje colega da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para co-organizar um dossiê orientado para questões de metodologia da pesquisa em Historiografia Linguística. Juntaram-se a mim nessa tarefa um conjunto admirável de pesquisadores com quem tenho convivido de forma privilegiada ao longo de minha carreira, dois deles, diretamente responsáveis pelo formato da pesquisa contemporânea em historiografia linguística: Pierre Swiggers, romanista, filósofo, historiógrafo e professor da Katholieke Universit  t Leuven, e E. F. K. Koerner, germanista, autor de centenas de títulos dedicados    pesquisa historiográfica, criador e editor de cinco séries de volumes especializados da renomada editora John Benjamins,

incluindo a revista *Historiographia Linguistica* (1974-corrente), para nomear apenas uma das suas centenas de contribuições ao campo. Compõem, ainda, o time, dois companheiros de longa data, grandes parceiros acadêmicos desde as minhas primeiras incursões na área, José Borges Neto, *doublé* de linguista e filósofo, da Universidade Federal do Paraná, co-fundador do primeiro GT de Historiografia Linguística da ANPOLL (1994), e Gerda Hassler, pesquisadora da longa tradição de romanistas germânicos, historiógrafa internacionalmente reconhecida e professora da Universidade de Potsdam, Alemanha. Por fim, mas não menos importante, juntou-se a nós o jovem doutor Miguel Cuevas, professor e pesquisador da Universidade de Vigo, Espanha, de cuja brilhante defesa de um alentado trabalho sobre a produção gramatical missionária-filipina tive a honra de participar.

Receba o leitor de *Todas as Letras*, pois, essa nossa contribuição conjunta à disciplina Historiografia Linguística que visa, do ponto de vista extensional, à reconstrução da história, ou de parte da história, da teoria e da prática gramatical e lexicográfica, da política linguística e das atitudes em relação à língua, da(s) filosofia(s) da linguagem, da lógica-semântica e da linguagem relacionada ao pensamento religioso. Sua vocação reflexiva é determinante para a definição do seu estatuto dentre as ciências da linguagem: seu objeto, do ponto de vista intensional, não é a linguagem, mas sim as formas de conhecimento que foram construídas sobre a linguagem, no eixo da história.

Cristina Altman
Universidade de São Paulo (USP)